

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Artur Castanheira

registada em 2008-09-26
por

Joana Ribeiro e Carla Aguiar

Artur Castanheira

Artur Castanheira nasceu a 25 de Março de 1936, na Quinta dos Moinhos. O pai chamava-se Zé Luís Castanheira e a mãe Maria das Trindades. A mãe trabalhava na fazenda. O pai trabalhava de ferreiro. Tiveram três filhos. Andou na escola, em Chãs d'Égua. Depois saiu para roçar mato, ajudar a mãe no campo e o pai na oficina. Conheceu a esposa na Mourísia, quando falou em namoro primeiro ela não consentia, mas depois casaram na Moura da Serra. Quando casou, esteve três ou quatro anos, na Moura da Serra. Andava com o sogro nos pinheiros, a fazer rolos e, às vezes, era também na resina. Ainda esteve em Lisboa, numa fábrica de fazer mobílias e móveis de cozinha, durante dois ou três meses. Depois mudaram-se para a Quinta dos Moinhos e agarrou-se à sua arte nos moinhos.

Índice

Identificação Artur Castanheira.....	4
Ascendência "Vai tudo de heranças".....	4
Infância A aprender a arte do pai.....	5
Casa "Ainda se conhece bem a casa onde eu nasci".....	5
Educação "O meu pai nunca nos puxava para ir para a escola".....	6
Religião "Há tanto tempo que lá não vou à missinha".....	6
Percurso profissional "Mal me mexia para bater o ferro".....	7
Namoro "Ela, primeiro, ainda virava a cara para o lado".....	8
Casamento "Convidados eram poucos".....	8
Descendência "Esses já não querem a arte".....	9
Migração "Se eu lá quisesse ir, tenho o trabalho às minhas ordens".....	9
Ofício O Castanheira dos moinhos.....	10
Orgulho "O Castanheira era sempre bem estimado".....	13
Lugar A Quinta dos Moinhos ontem e hoje.....	13
Costumes Tradições: do Piódão e aos Moinhos.....	16
Quotidiano "Tenho topado boas enfermeirinhas".....	18
Sonhos "A protecção dos Castanheiras dos Moinhos".....	18
Avaliação "Gosto de contar histórias".....	19

Identificação *Artur Castanheira*



Artur Castanheira (Arganil, 1982)

Sou Artur Castanheira. Tenho no Bilhete de Identidade a data de nascimento: 25 de Março de 1936. Nasci na Quinta dos Moinhos.

Ascendência "*Vai tudo de heranças*"

O meu pai chamava-se Zé Luís Castanheira e a minha mãe Maria das Trindades. A minha mãezinha, que Deus tem, trabalhava na fazenda. Coitadinha, andava sempre no campo por fora. Cultivava milho, batatas, assim as novidades todas. Também tinha umas cabritas e andava a guardar o gadito. O meu pai trabalhava de ferreiro. Aprendeu com o meu avô que também já era ferreiro. E eu, ao fim, aprendi com o meu pai. Também me ensinou a mim quando eu era

pequenito. Isto já vai tudo de heranças. Tinha uma oficina, logo ali de cima dos Moinhos, e estava sempre ali metido. Pouco saía de lá para fora, só assim pela tarde. Aí é que trabalhava a fazer e a arranjar podões e ia levar para a Gramaça e por aquelas serras. Não havia nada que a gente não corresse para um lado e para o outro. Noutro tempo, não havia donde se ganhasse, tinha que se aproveitar tudo.

Já morreram os dois, coitadinhos. A minha mãe já aos anos. Ao fim nasceu-lhe uma nascida ruim num peito, foi a doença dela.

Mais dois irmãos

Sou eu e mais dois irmãos. Um era Armando, está em Lisboa, e o outro é Manel Castanheira, está em Côja. Sou eu o mais velho e o que está em Lisboa é seguido de mim, é só diferença de um ano. Mas eu fui o único que seguiu a arte do meu pai. Os outros não quiseram saber, nunca ligaram nada cá a isto. Um, que está em Lisboa, esse trabalhava de carpinteiro. Mas nunca mais o vi já há uma data de anos.

Infância *A aprender a arte do pai*

Os meus irmãos, coitadinhos, andávamos nas brincadeiras e tudo. São tempos que já lá vão tantos anos. Fiz uns carritos de mão, pequenitos, mas nunca tive um brinquedo, isso é que não! Só me lembro que o meu pai, que Deus tem, à noite, ao fim do jantar, fazia as orações. Já o meu avô rezava muito e o meu pai, coitadinho, aprendeu com ele. Depois lá ia para a oficina, porque trabalhava-se assim de noite a fazer brochas para vender. E, às vezes, íamos lá para o pé dele ver como é que o meu pai fazia as brochas. Estávamos ali assim. O meu avô também compunha moinhos e tudo mas ele, ao fim, só explicava, mais nada. Aprendi mais com o meu pai.

Casa "*Ainda se conhece bem a casa onde eu nasci*"

Nasci na casinha onde morava o meu pai e onde já moraram os meus avós e tudo. Era perto de onde vivo agora. Já está desabitada, mas ainda se conhece bem a casa. Era uma casa quase como a minha, estilo lisa, tinha dois quatinhos e a cozinha. A cozinha ainda lá está, mas o que é já está tudo quase a cair para o chão. A minha mãezinha dormia mais o meu pai num quarto e a gente, eu e os meus irmãos, dormíamos noutro. Casa de banho não tínhamos. Naquela altura não é como agora. Ai Jesus, credo! Era ao ar livre. A gente tomava banho assim

nuns alguidares e lavava-se um com o outro! Não tínhamos animais perto de casa. A lojita era a que está por baixo da casa onde moro. É onde agora temos uns barrizitos de vinho. Os terrenos eram "pia baixo"¹, à volta da casa. Depois eu fiquei na casa onde estou hoje e naquela já não mora ninguém.

Educação "*O meu pai nunca nos puxava para ir para a escola*"

Ainda fui andar na escola. Era lá em cima no Chãs d'Égua, mas agora já fizeram umas casas por fora. Não sei para que é, mas diz que é a casa das gravuras. Antigamente as professoras ensinavam-nos com uma vara. Batiá-mos! Quando nos levavam ao quadro para escrever e a gente não sabia, ui... Às vezes, batia-nos muito! Ao fim, a gente saía logo cá para fora, fugíamos. Mas ao outro dia é que ela dava porrada. "Pumba" para baixo! A gente não queria aprender e daí toca: com uma régua nas mãos, "trás"! Nessa altura, ainda havia muita gente assim miúda. Às vezes brincávamos uns com os outros, as raparigas e tudo. Mas agora já não me lembro de nada. Estou mesmo esquecido das coisas de antigamente.

Ao fim saí, porque o meu pai nunca nos puxava para ir para a escola. Quem dava presentes à professora, ela ainda levava a estudar. Mas o meu pai nunca deu lhe nada... Olha, pôs-nos a roçar mato e saí, pronto. Só o meu irmão que está em Côja, esse é que ainda aprendeu a ler. Foi andar na tropa lá fora e tudo e ainda abriu os olhos. Agora os outros não. Ficámos para trás. Primeiro ainda fazia o meu nome. Agora é que já não sei fazer, porque deu-me em falhar a vista e já treme muito as mãos. Mas a minha assinatura está no Bilhete de Identidade. Ficava uma boa riscadela, mas ainda me ajeitava. Está lá tudo perfeito. Se fosse agora, já não podia ser.

Religião "*Há tanto tempo que lá não vou à missinha*"

Fui à catequese ao Piódão. Eu gastava uma hora e tal daqui para lá. Já morreram as pessoas que nos ensinavam a doutrina. O senhor padre António, que andava a estudar para padre naquela altura, ainda me lá ensinou algumas vezes. Mas havia também um padre que estava na Moura. Esse ainda me lá bateu muita vez com uma vara! Ensinavam como as professoras. A gente também tinha que estar ali com ele a fazer perguntas e tudo. Estava lá um que andava estudar também para padre, mas ao fim foi para doutor ou que foi. Esse é que era mesmo velhaco! Nós, às vezes, não estávamos quietos, a gente ria-se e ele malhava logo

¹por aí abaixo

para aquecer. Dava com uma vara: "zumba"! Aprendíamos muitas coisas. Fiz a Primeira Comunhão e era, ao fim, a Comunhão Solene, a Terceira também e tudo aquilo. Já não tomo sentido como é que era. No dia da Comunhão as roupas eram pouco boas, mas lá tínhamos que ir.

Também íamos à missa ao Piódão. E eu agora quero ver se lá vou ao domingo. Tenho um rapaz, a ver se me lá leva de carro. Já há tanto tempo que lá não vou à missinha. Quando estive a tratar-me em Seia, até me iam levar à missa de cadeira de rodas. Tratavam-me muita bem lá. Diziam as senhoras enfermeirinhas:

- "Ó senhor Artur, você gosta de ir à missinha?"

- Gosto, sim senhora!

Então, iam-me levar numa cadeira de rodas. Ao fim, quando lá estive na hora da minha vaga, lá ia eu sozinho. Mas o enfermeiro dizia:

- "Pode ir à vontade, ó senhor Artur! Mas ao fim, à noite, quero-o cá no quarto."

Percurso profissional "*Mal me mexia para bater o ferro*"

Às vezes, ajudava a minha mãe, coitadinha. Íamos ao mato. E ainda podia pouco, vinha ajudar também na oficina do meu pai. Ainda era novito. Tinha quase 18 anos ou nem isso. Tive sempre um corpo pequenito e mal me mexia ali para bater o ferro. Mas meu pai, sozinho, queria que eu aprendesse. Queria que a gente trabalhasse para ir vender podões para um lado e para outro. Os outros meus irmãos não se importavam daquilo, mas eu fui.

Quando me casei, ainda estive uns anos, uns três ou quatro, na Moura da Serra. Andava, com o meu sogro nos pinheiros, a fazer rolos como havia antigamente. Empilhavam-se e vendiam ao metro. Às vezes, era também na resina. Mas ao fim lá não havia onde se ganhasse dinheiro em modo. Disse para a minha mulher:

- Isto assim não me safo! Tenho que sair daí para fora.

Assim foi. A minha sogra morreu e a minha mulher, coitadinha, pensou assim:

- "Ó homem, e se formos embora?"

Mudámos para a Quinta dos Moinhos e cá estamos. Comecei-me a agarrar à minha arte nos moinhos e a andar por um lado e por outro e foi aí que comecei a realizar alguma coisinha. Depois fui trabalhar em Lisboa numa fábrica de fazer mobílias. Mas foi pouco tempo, uns dois meses ou que foi.

Namoro "*Ela, primeiro, ainda virava a cara para o lado*"

Sou casado. Ela não era dos Moinhos. Era ali da Mourísia, lá mais longe. Eu agora lembro-me de quando a conheci. Há tanto tempo... Ah, ela ria-se tanto comigo! Bem, nem sabia que eu estava para ficar com ela. Um dia, belo dia, lá destinámos. Foi uma vez que fui à Mourísia e a minha mulher ficava em lá ter comigo. Lá veio ter, mas eu nem sei bem para o que era... Ao fim disse para o que era: comecei a falar assim de namoro e tal. Mas é que ela, primeiro, ainda virava a cara para o lado, ainda não consentia. Ao fim, coitadinha, tanta vez lá fui até que ela disse:

- "Pronto, podes seguir."

Lá fui. A tal dia lá ia ter com ela à Mourísia. Marcava um dia e ia lá ao encontro. Mas a minha sogra, coitadinha, essa andava sempre com medo que a gente... Andava sempre a guardar-nos por um lado e por outro. Assim que se passou os seis meses, é que então entrou o namoro a sério. Ao fim fui ter com o padre a Pomares, mas não sabia também onde é que ele morava. Lá me ensinaram. Uma mulherzinha que andava a fazer o correio é que me ensinou o caminho e tudo. Eu lá fui ter com o padre e disse:

- Bem, gostava de marcar o dia, o casamento.

O padre lá me tratou dos papéis e assim seguimos o namoro.

"Muito reinadia"

Naquele tempo havia mais raparigas, mas encantei-me com ela! Na Mourísia, a minha mulher ainda era reinadia para a paródia e tudo. Cantava e dançava, pronto, era uma alegria! Para dançar era um bailarico! Era um céu aberto! Mas hoje, coitadinha, já não tem tanta alegria. Morreu o meu sogro, já há anos, e daí nunca teve assim tanta alegria como era. Também dancei com ela, mas só foi uma vez ou duas. O meu pai, que Deus tem, nunca me deixava ir para bailaricos, nem nada. Era sempre preso em casa.

Casamento "*Convidados eram poucos*"

Já foi há uma data de anos, mas ainda me lembro do meu casamento. Foi na Moura da Serra. Íamos com uma roupa boa e tudo. Já aos anos que se acabou tudo. Eu levava assim uma roupa escura e uma gravata só. A minha mulher era

um vestido azul às pregazinhas. Os convidados eram poucos. Da minha banda é que foi mais. Era quase só um cunhado meu do Tojo, que já morreu, uma cunhada, uma que é minha madrinha, também já morreu, os meus dois irmãos, pouca gente. Coitados, também eram pobres. Ao fim houve festa! Era comer e beber. Naquele tempo era carne assada de rês, de cabras ou, como se costuma dizer agora, chanfana.

Descendência "*Esses já não querem a arte*"

O meu filho começou assim de pequenito a tocar flauta. Quando ele andava na doutrina, disse-lhe:

- Se ficares bem, hei-de te comprar uma prenda!

Assim foi. Ao findo, comprei-lhe uma flautazinha. Ainda era pequenito. Foi-a escolher ele, à vontade dele, e eu paguei.

Mas eu, ao meu filho, não ensinei como o meu pai me ensinava. Esses já não querem a arte. Mesmo nos moinhos ainda gosta, mas agarrou-se à arte de pedreiro, de fazer as casas, é canalizador nas casas de banho e aquilo tudo. Diz:

- "Ó pai, o meu trabalho é mais limpo que era o seu!"

Migração "*Se eu lá quisesse ir, tenho o trabalho às minhas ordens*"

Antigamente havia pouco trabalho na aldeia e a gente, coitadinha, vivia mal. Quem tinha uma artezita ainda se podia ir governando. O que não tinha, pronto, tinha que se retirar. Uns foram para Lisboa, outros foram para um lado e para o outro, mas foi-se tudo embora, mesmo para o estrangeiro. Enfim, pulgaram para outros lados. Eu também ainda fui estar em Lisboa numa fábrica de fazer mobílias e móveis de cozinha. Estava lá um cunhado meu nessa fábrica e, ao fim, por cartas, pedi-lhe para ir para lá também. Ele lá me arranjou para meter ao pé dele. Era uma trabalhadeira, mas estava lá bem. Era de fazer móveis: cortar alumínio, cortar tampos para os móveis e colar. Ainda lá estive, mas a casa era somenos. Morávamos numa cave. Depois calhou o meu pai, que Deus tem, andar aos meses. Calhou-lhe o meu mês para ir tomar conta dele. E o que havia de lá ter ali naquele sítio? Disse:

- Pronto, assim tenho que desistir do trabalho.

Lá fui pedir aos patrões e despenderam-me. Naquela altura havia tantos... Tão depressa aparecia, como saía, como aparecia. Não estou bem certo, mas estive pouco tempo, dois ou três meses. Mais que três meses não foi. Gostava

daquilo, do trabalho. Ainda aqui há tempos lá fui. Fui no mês de Natal. Ainda lá conhecia pessoas, a fábrica e tudo! Lisboa era grande e eu não conhecia ninguém na primeira vez que lá fui. Tanta gente, ai, credo! Lá fui andar a ver, mas agora já está tudo mais mudado para o que era antigamente. O senhor Pascoal, o dono da fábrica, ainda hoje em dia me fala: se eu lá quisesse ir, tenho o trabalho às minhas ordens, tanto eu, como o meu filho. Mas eu saí, pronto, já não quis mais ir.

Ofício *O Castanheira dos moinhos*

Aprendi com o meu pai, que Deus tem, a trabalhar de ferreiro. Ele já trabalhava, mas não era tanto como eu. Ele só assim remediava coisas poucas. E eu não, também fazia de novo. Fazia os rodízios em madeira, em pedra e tudo. Fazia tudo de novo. Naquela altura, ainda trabalhava com o meu pai. Os podões era o que fazíamos mais. Eram para roçar o mato. Às vezes, o ferro a fagulhar e a gente apanhava cada fagulhadela do ferro! Não havia muitos ganhos. Eram conforme os podões. Uns eram um preço, outros eram de outro e era assim. Vendíamos tudo! Vendia-se bem vendidos, ai Jesus! Eu mais o meu pai andámos sempre pelas terras. Ainda corria aquilo tudo mais em ponto aos domingos. Levávamos cada carregos os dois! Ao fim de ir aprender mais a minha arte, abri os olhos: comecei a andar para longe a comprar moinhos. Dava-me mais ganho. Era o ganho melhor que a trabalhar de ferreiro.

Andei sempre por aqui mas, em vindo a parte do Verão, andava lá por fora. A minha mulher, coitada, dizia:

- "Ó Artur, nunca mais cá chegas!"

Mas eu dizia-lhe: em tal dia lá vou ter a casa. Assim foi. Fartava-me de andar aí a pé, credo! Agora já há estradas, mas, naquele tempo, não havia estradas, era tudo a pé. Uma vez, em Maio, quando estava para lá, fui com tempo bonzinho, mas vim para cá a apanhar uma nevada lá em cima, no alto. Ai! Quem é que chegava à minha casinha? Havia sítios onde me enterrava na neve. Disse:

- Ora eu, ora eu! Ai que morro sem chegar a ver a minha mulher.

Depois enterrava-me naqueles buracos fundos e não sabia o caminho. E eu para andar lá ia eu aos tombos! Ai Deus... Mas lá vim devagar. Aquilo era para o lado de Porto da Balsa, das Minas da Panasqueira, para aqueles lados dali. Aí, como andavam naquelas Minas, havia bom dinheiro. Nunca estava sem o ordenado. O que eu levava davam-me logo de boa vontade e ainda diziam por cima:

- "Obrigadinha, ó senhor Artur! Muito obrigadinha de nos cá vir arranjar os moinhos!"

Pagavam-me bem. Nunca estavam a chatear a cabeça e até me davam gorjeta! Naquela altura, o dinheiro era pouco, mas ainda havia boa gente que me davam belas gorjetas. Era boa gentinha por ali. Graças a Deus, não tenho que dizer. Com a graça de Deus, tudo se passa.

O conduto

Tinha de ir numa caminhada com a caixa da ferramenta às costas e ainda levava o comer para fazer. Era mais só para o lado dali de Soito da Ruiva. Para ali é que tinha que o fazer eu à minha conta. Levava milho, conduto, azeite e uns bocadinhos de carne de casa e, às vezes, comprava lá de outras coisas e assim me ia orientando. Ao fim de dois ou três dias, fazia de comer e comia. Emprestavam-me uma panela de ferro grande e fazia o comer ao pé de onde fazia os rodízios de madeira. Mesmo às paredes da madeira lá arranjava lenha para fazer fogueira. Naquela altura, não havia esse ar mau como agora. Em qualquer lado se fazia uma fogueirinha, se fazia o comer. O lume era em qualquer lado, não havia as armas. Se fosse agora, é pior. Fazia ali comer que era uma maravilha! Até se admiravam de mim, de eu fazer o comer à minha maneira:

- "Então, como o senhor Castanheira faz o comer tão bom?"

Era uma carga de trabalhos, mas passava bem. Ao fim, já não era preciso levar de comer nem nada. Lá me davam de comer e tudo.

"Apanhei uma aflição que eu sei lá"

Fui uma vez ao Porto da Balsa compôr um moinho. Foi feito de novo. Andei lá oito dias. Ao fim deu-me uma dor no estômago, vi-me à tabela. A mulherzinha, coitadinha, era viúva, chorava de volta de mim:

- "Ó senhor Castanheira, mando cá vir o médico."

- Não senhora, isso pode ser que passe.

A mulherzinha dava-me uns chazinhos e tudo. Disse:

- "Beba, ó senhor Artur, beba que isso passa."

Estava só com medo, como se eu lhe fugisse. Mas lá os vizinhos em volta disseram:

- "Não tenha medo. O senhor Castanheira é adulto. Pode ser que isso passe."

Mas eu pateava. Naquela altura, ainda era novito e estava com medo. Havia mais pessoas que me diziam:

- "Ó senhor Artur, não tenha medo que ela trata-o bem."

Assim foi. Assim que passei aquele chazinho, passou-me a dor no estômago. Apanhei uma aflição que eu sei lá naquela altura.

Naquele tempo, havia sempre moinhos para compor. Oh, Jesus! Tanto moinho lá arranjava. Foi no tempo do meu passado e, então, cultivavam muitas terras, muitos bocados grandes de milho. E aquilo era sempre para ali, toda a noite, todo o dia, os moinhos a moer. Como eu digo, andava sempre no Verão. Em vindo o tempo da Primavera, do Verão, aí vinha aguçar os picos a casa e pegava na caixinha da ferramenta. Quando era de madeira, levava ferramenta de carpinteiro. E quando era de picos ou assim também levava. Levava tudo. Tenho aí muito pico e tudo para ir romper as pedras picadas. Mas havia lá oficinas também. Eu pedia e lá me deixavam aguçar. Lá os aguçava e lá andava.

Os moinhos, depois dum tempo, lá de dois em dois anos, tinham que levar sempre uma reparação. Quando eu os deixava assim bons, bonzinhos, andavam dois anos e mais assim sem ver um carpinteiro. Mas, quando eles às vezes falhavam, lá tinha que ir o Artur Castanheira dar mais umas voltas.

O moinho é tocado a água e antigamente havia muita água. Mas, em terras que eu andei, até se admiravam de tão pouchocinha água e como eu os punha a andar com aquela força. É com umas manilhas de rolete até à caule e tem umas torneiras pequeninas. Põe-se um tubo para cima com as mãos e, ao fim, põe-se uma torneira. Quando está cheio de água, aí rapaz, aquilo manda uma força de água que sobe. É ver andar as pedras, mas vai muita força. As pedras até voam. Eu punha-os de uma maneira que aquilo ficava muito levezinho. Com qualquer coisinha de água andava logo. Até voavam as pedras uma na outra!

Agora, há mais de quatro anos ou mais, já não vou como era. Apanhei esta doença comigo e agora assim não. Mas os moinhos de casa ainda arranjo. E dos de electricidade, se me mandassem ir sentado numa cadeira, ainda os arranjo também. Mas, hoje, os da água já não arranjava. Esses da água tinham as pedras muito grandes. Havia pedras de 1 metro e tal de largura. E havia uma com 20 de altura. Tinha que me fincar bem. Até se admiravam como é que eu subia aquelas pedras tão grandes. Era cada monstro de pedras! Ai Nossa Senhora! Isso admiravam-se:

- "Como é que o senhor Artur desce e sobe a pedra para cima?"

Admiravam-se de eu subir assim aqueles monstros. Eu fincava-lhe um pau por baixo, punha acima do ombro, aí vai ela para cima. Ao fim, era um roletezinho que rolava, ia a pedra "pia cima"² para onde eu queria. Não era preciso tocar. Tocava só para aquilo andar. Se uma pessoa pedir, ainda sou capaz

²por aí acima

de ensinar. Ainda sei como é tirar as medidas e tudo. Tenho um sobrinho meu que já me pediu mais que uma vez:

- "Ó tio, tenho que lá ir um dia, levar um livro e você tem que me fazer o desenho que me ensine."

Enquanto eu sou vivo, ainda ensino. Ao fim, morrendo, fica cá só as minhas habilidades. Antigamente em qualquer lado havia milho. Agora vieram os padeiros, deu em vir pão já moído, cozido e tudo, já não há milho como era antigamente. Agora não há moinhos para compor. Aquilo parou. Agora perde tudo. Veio aí uma chuva tão grande, vinha tanta água, já caiu tudo para o chão. Pronto, abandonaram-nos.

Orgulho *"O Castanheira era sempre bem estimado"*

Ai, mas passava tempos tão bons! Ali para trás da serra era uma santa gente. Tratavam-me muito bem, muito bem. Uma vez levei o meu filho só para o verem. Ele ainda andava na escola, ainda era pequenito, mas mesmo assim eles gostavam lá dele só por causa de levar a flauta para tocar. Ainda hoje o dia em que vou à Covanca, o tio Zé Agostinho da Covanca faz-me uma festa.

- "Ó senhor Artur, tem de cá vir um dia mais o seu filhito. Mas tem de trazer a flautazinha para tocar cá."

O comer e beber era em casa dele. Lá isto trata-me muito bem, aquele homenzinho. E mais pessoas lá também. Quando para lá vou, estão sempre a dizer para levar o meu filho. Ia ali por aquela serra para o lado das Minas da Panasqueira, corria aquilo tudo. Apanhei fama que trabalhava bem nos moinhos. Toda a gente me estimava bem. Diziam:

- "O senhor Castanheira tem que ser bem tratado."

O Castanheira era sempre bem estimado. Onde quer que me encontrasse, toda a gente me tratava bem. Era, assim se vê, uma fraca pessoa, mas a respeito, respeitavam-me muito. O Castanheira era sempre bem tratado! Desempenhei-me. Hoje, graças a Deus, ainda tenho umas migalhas.

Lugar *A Quinta dos Moinhos ontem e hoje*

Chamam Quinta dos Moinhos ao lugar onde moro. Em Arganil está natural: Moinhos. Podia haver muitos neste lugar, quem sabe lá. Mas lembro-me que lá em baixo, na ribeira, no rio, só estava um moinho. Plantaram-no lá.

"Chamávamos barbeiros"

Não havia médicos antigamente. Ó, ó! Que é deles? Aqui assim era os homens que aí havia, chamávamos barbeiros. No Piódão ainda conheci um. Ele era Francisco, não sei o sobrenome. Ainda era gaiato pequenito, lá fui compor o moinho mais o meu pai, que Deus tem. Ai, comia-se tão bem naquela casa! Era carne de cabrito e tudo. Corria tudo aquele homem, aquelas áreas todas, ao Soito da Ruiva, lá por um lado e por outro. Era muito atencioso! Dava assim bons remédios. Ao fim, não me lembro bem, o meu pai lá levou um tio uma vez. Ainda era só um gaiatito pequenito e fui só para comer uma bucha ao pé do meu pai. E eu ainda lá fui também uma vez ou duas. Foi qualquer doença que eu tinha. Não sei como ele aprendeu. Também me lembro que havia vacinas antigamente. Era lá um que lá estava, que chamavam senhor Arnaldo, esse é que dava as vacinas. Era filho do Francisco, o velhote. Esse ainda o conheci lá deitado na cama.

Quando não havia luz

A luz ainda foi há poucos anos que chegou à aldeia. Antigamente era com uns candeeiros, umas lanternazitas a petróleo. Mais tarde já era com azeite. O petróleo apagava-se e o azeite já se levava para qualquer lado. Aguentava-se e aquilo não. Fui muita vez daqui para o Piódão, eu e o meu pai, para irmos para a carreira ou assim, levávamos, às vezes, umas lanternazitas "pia além"³. Não havia pilhas, não havia nada, era assim que se via o caminho. Ainda há poucos anos é que veio a luz. Foi uma alegria para a gente ver a luz. Nunca a tinha visto. Isto agora está tudo mais mudado. Antigamente não estava como agora está.

Terra de vinho e aguardente

Tínhamos aí muito vinho. Nas vindimas era a gente a cortar cachos para uns cabazes e, estando cheios, levávamos numas cestas. Agora não, já é tudo à base nos sacos. Numas sacas grandes leva-se mais e melhor que nas cestas. Nas cestas era as mulheres à cabeça e os homens às costas. Botávamos para uma dorna, uma pia nas casas e, ao fim de tudo, esmagávamos as uvas. Eram esmagadas a pé. Visse-me eu agora lá com a minha perna, como agora tenho, credo! Mas naquela altura havia dias, à noite, de ir para lá esmagar para aquelas pessoas. O vinho

³por aí além

chegava até ao cimo das pernas "pia fora"⁴! Eu levava um calçãozito e enfiado ali, "zumba" "pia baixo"⁵ a chafurdar, a chafurdar. Tudo enterrado no vinho! Nada metia medo! Ai, credo, quem me dera assim ter força nas pernas como tinha naquele tempo. Para andar em volta é só uma pessoa precisa. Dois não cabiam nas dornas. Mas agora não, já é tudo por esmagadores. A gente vem com ele das leiras, bota logo para dentro do esmagador, vai logo lá para o depósito.

Também fazíamos aguardente. Até agora fazemos. Faz-se num alambique. Tenho ali em baixo um. Ó rapaz, faço lá aguardente que é pólvora! Vou lá fazê-la mais o meu filho. Às vezes, não tem vagar, mas eu vou lá. Sento-me lá num banco e estou ao pé da caldeira a regular a fogueira. Meto lenha grossa de torgas, assim dessas de mato verde, de moiteiras, ó rapaz, aquilo faz uma fogueira certinha, certinha. Aquilo está ali sempre a botar certo, certo. A quase que se escoia sem mexer na fogueira. Ferve lá dentro numa caldeira e, ao fim, vai a água. O alambique tem a cabeça muito alta e a água é ali destilada. Aquilo ferve dentro da caldeira e, ao fim, é que sai a aguardente para fora. Sai ali aguardente mais clarinha que a água da fonte. Mas a de mel, essa é que dá mais aguardente. É também feita como a de vinho, mas dá muito mais. É o dobro. O que é dá mesmo o saborzinho do mel. Docinha que eu sei lá! Leva só o mel. Aquilo é fermentado num balde grande, pouco cheio. Ao fim, dando um cheirinho que está fermentado, é que se vai para o alambique. Ainda gosto de ir lá para o pé do alambique fazer a de mel. Tenho umas mãozinhas... Não é por estar a gabar o trabalho, mas o meu filho disse:

- "Ó pai, você tem que lá ir fazer mais este ano!"

Quer que eu lá vá fazer a de mel e a de medronho. Essa dá mais trabalho. Precisamos mexer com um pau, é de ter o pau escaldado. Escaldando o pau é que está bom para se pôr a cabeça. Eu tinha abelhas e o meu filho também tem umas colmeias. Eu gosto de tratar delas. Agora é que não posso andar, mas gostava muito das abelhas. Mas este ano ele já não tem mel, coitadinho. As colmeias não prestaram para nada.

- "Ó pai, levo trabalho e não temos mel nenhum, nem para fazer aguardente." - disse ele.

Só ontem é que o meu filho foi a cortar uns cachitos. Tanto cacho que ali tínhamos... Quando eu podia, trazia aí sempre muito vinho. Trazia as videiras tudo bem arranjadinho. Não havia cá ninguém que tivesse melhores videiras que as minhas.

Mas este ano não há quase nada. São os bichos, deram cabo deles. Fui lá ver mais a minha mulher e ela até chorou. Vê-los com muito e depois com tudo

⁴por aí fora

⁵por aí abaixo

limpinho. O texugo rói os cachos, corta tudo para o chão. Aquilo é bicho danado! Louvado seja Deus. Tanto trabalho a gente leva a tratar das videiras, tanto vinho que a gente aí tínhamos, e ver assim tudo limpinho. Gostava de fazer aguardentes, gostava de tudo. Agora, pronto, já não tenho força como era antigamente. Já falhei. O coitadinho do meu filho não se aguenta com tanto trabalho. Anda nas obras e ao fim, vindo à noite, é muito trabalho, chora e diz:

- "Ó pai, já faz falta você."

Então, o que a gente há-de fazer? É assim a vida.

Costumes Tradições: do Piódão e aos Moinhos

"Fazia-se festas bonitas"

Antigamente faziam-se festas. Era lá acima no Chãs d'Égua. Ainda me lembro hoje o dia dos bailaricos. Eram ranchos! Ai, mas ranchos tão bonitos! Ó, ó! Aquilo é que era... Ainda o ano passado a minha mulher lá foi a um ranchito que ali veio do pé da Cerdeira. Ó rapaz, ali com umas cestazinhas à cabeça! A minha mulher, toda encantada com aquilo.

Havia missa e, ao fim de dizer a missa, eu ia também lá acima. Todos os anos há procissão. Levavam o pália e os andores, com os santos todos, e iam lá nos caminhos "pia fora"⁶. Até eram vários santos. O mais velho que cá está é o São João Degolado. É São João e mais santos que lá há. Depois lá iam os homens com umas opazinhas brancas. À tarde, levavam aquelas ofertazinhas, nuns cabazezinhos à cabeça, e botavam as ofertas a lanço. No Piódão assim fazem, mas aqui também faziam. Eram coisas de casa: bolos, pão-de-ló, carne assada e carne fresca também. Até filmavam aquilo. Era muito engraçado as mulheres com elas à cabeça, nuns tabuleirinhos. Ao fim botávamos a lanço e o povo, cada um que queria lançar, é que lançava. O dinheiro das ofertas era para ajuda da festa. Também havia músicas e tudo. E, à noite, eram os bailaricos. Quem me dera assim ter um pezinho como tinha naquele tempo. Gostava tanto de ver os bailaricos e aquilo tudo. Era muito bonito! Antigamente fazia-se festas bonitas. Agora já não é tanto como era antigamente.

⁶por aí fora

"O Natal era para toda a gente"

O Natal era muito bonito. Era um presépio, mas sempre lá na igreja do Piódão. Era de musgos e muito enfeitadinho. Já morreram as pessoas que o faziam. Eram muito religiosas. Já tinham electricidade e aquilo acendia-se e apagava-se. Também se fazia em Chãs d'Égua, mas no Piódão era mais bonito. Lá havia a missa, era mais bonito que aqui. Em Chãs d'Égua fazia-se era uma fogueira com uns cepos grandes de castanheiro. De noite, era a malta toda a assarem coisas nas brasas. Ali comia-se de tudo!

Na rua, o Natal era para toda a gente. Quando tínhamos família, também era em casa, mas íamos lá sempre ver. Nessa altura, havia sempre arroz-doce, tigeladas e mais coisas a acompanhar. Agora, vamos comer muita vez em casa do meu filho. É sempre em casa dele que a gente lá vai. Nós aqui fazemos a couvada de bacalhau. Era toda a noite bacalhau com muito azeite. Quer que a gente lá vá passar o Natal ao pé dele e, pronto, assim vamos. As prendas antigamente era só uns bolitos, uma coisa qualquer.

"Fazia-se aí lavagens que era uma maravilha"

A matança do porco era uma paródia. Lembro-me que a gente juntávamos aí pessoas amigas. Era beber, era comer... Chamavam cá um homem próprio só para matar os porcos. Era um homem só mesmo que vinha cá arranjar-me o porco. Isso era um santo homem. A gente ria-se aí com eles. Mas já morreu esse homem. Ao fim, esfolávamos. Com umas carquejas queimava-se aquele cabelo e, ao fim de tudo, raspava-se com umas facas, saía tudo e ficava limpinho. Fazia-se aí lavagens que era uma maravilha! Assim que os matavam, já estavam a desmanchá-lo, ó rapaz, a gente metia-se aí nos briol a beber, comer e tudo. Eram assim uns quatro ou cinco homens. E, às vezes, também, mulheres para ajudar a fazer o comer. Depois os homens não faziam nada. As mulheres, como a minha, é que iam lavar as chouriças. Era o céu aberto! Os homens era no briol a beber e tudo... Uma vez, o meu filho lá adiante, na casa dele, até já se deitava no lastro da loja, já contente com o vinho. Ai, que paródias!

"Lembro mais ou menos do Oliveirão"

Eu agora já não me lembro bem, mas o meu pai, que Deus tem, dizia muita vez histórias. Lembro-me, mais ou menos, do Oliveirão. Diziam que o nome dele

era Oliveira ou não sei quê. Esse era ruim! Contava o meu avô que o mataram. Ao fim é que o meu pai contava essas histórias. Mas, quando o mataram, se calhar, foi no tempo do meu avô. Aos anos que o meu avô já faleceu.

Quotidiano "*Tenho topado boas enfermeirinhas*"

Foi a minha vida sempre por fora de casa. Agora que estou inutilizado é que não posso andar. O meu filho, às vezes, aos sábados ou assim, é que me pega na máquina e ainda me curava aí as novidades, as batatas e os feijões. Coitadinho, tinha dó da gente:

- "Ó pai, deixe lá. Eu vou lá curar."

Lá me curava. O que é que a gente há-de fazer? Com a minha doença, estava a ver que tinha que pedir emprestado. O táxi para a Vide, onde estive a tratar-me, eram quatro contos. Quatro contos para a Vide! Há dois anos e tal que andávamos na Vide. Ainda foi a dobrar mais. Mas a enfermeira tanto se via um dia como se via ao outro. Ao fim, um dia, eu disse para ela:

- Ó senhora enfermeirinha, se favor mandava-me cá vir um médico para ver como é que vai minha perna, se isto tem cura ou se não tem?"

Falou ao senhor doutor e ele veio logo lá ter ao pé de mim. Ao fim é que ele disse:

- "Tem que tomar remédios."

Deu-me comprimidos e andei uma semana a tomá-los. Eram de 12 em 12 horas que tinha que os tomar. Tenho-me visto à rasca da minha perna. Graças a Deus, assim que os comecei a tomar, a pele começou em encoirar, a sarar e agora já pouco se conhece. Mas lá tratam-me bem. Passava ali uma vida alegre. Ali estava e ria com as enfermeirinhas. E elas também riam comigo:

- "Ó senhor Artur, venha para cá para o pé de nós!"

O que é tinha que ir para lá a minha reforma. Mas gostavam muito de mim. Tenho topado boas enfermeirinhas. Às vezes, à tarde, eu ia para o pé delas para uma sala donde lá estavam na brincadeira umas com as outras. Tem lá sido boa gatinha, graças a Deus. Começam-se a rir comigo e eu gosto da paródia com elas, coitadinhas! Ainda hoje é o dia que tenho pena daquela gatinha.

Sonhos "*A protecção dos Castanheiras dos Moinhos*"

Ainda queria que o meu filho aprendesse a minha arte. Gostava-me imenso! Mas ele não quer. Agora já puxam tudo para outros trabalhos melhores, mais limpos. O que a gente há-de fazer? Mas tenho pena, porque se eu morro, os

Castanheiras acabam. Também gostava de ter netos. Até disse para o meu filho que fossem buscar uma criancinha àquelas casas. Eu pagava a despesa e tudo, mas nem assim. Ai, tenho uma pena que eu sei lá. É assim a vida. Por isso, quero que ponham na minha história a protecção dos Castanheiras dos Moinhos! Ou o Castanheira a compor moinhos...

Avaliação "*Gosto de contar histórias*"

Gostei desta conversa e gosto de contar histórias. Tinha uma tia, que já morreu, essa muito gostava de contar histórias. A gente ia sempre ao pé dela:

- Ó tia, diga-me lá os contos antigos!

Lá começava a contar as histórias e tudo. A gente gostava de a ouvir. Oh, tudo se passa... Eu lembro-me de tempos passados, de algumas coisas, mas agora botou-se-me muito "esquecido". Já não me puxa a ideia para como era. Não tenho cabeça para como era o antigamente.